



Mark Levinson N° 432

Hã! Que tornado fantástico passou por aqui?

A circunstância de levar o ML N° 23 à revisão permitiu-me ter acesso a esta máquina estupenda. Estava prevista, inicialmente, apenas uma visita de substituição e que serviria, simultaneamente, para alimentar a minha curiosidade, dado que gostava de ouvir, nas minhas condições habituais, um amplificador da nova geração desta marca, para apreciar os progressos da Mark Levison nesta área. A surpresa tamanha que o N° 432 me proporcionou foi logo motivo de força maior para agendar um teste que me permitisse conhecê-lo mais a fundo, mesmo não sendo, propriamente, uma novidade, dado que este modelo já vai no terceiro ano de comercialização, se não estou enganado. Quanto a progressos, mais que muitos. Ainda mantém uma certa musicalidade e sonoridade características da Mark Levinson, que tanto prazer me têm dado mas, para além disso, é caso para dizer que qualquer semelhança é pura ficção, porque este modelo está a milhas do velhinho N° 23, e não só, mas também da esmagadora maioria

de aparelhos desta natureza de outras marcas que conheço; um verdadeiro colosso foi o que tive oportunidade de conhecer.

Descrição técnica

As coisas boas, por vezes, começam mal e as muito boas também podem começar muito mal, como foi o caso. Aliás, ainda acabou muito pior, porque à tarefa árdua de embalar o aparelho juntou-se o desconsolo incalculável da despedida. Dito de uma maneira mais directa, os 57 kg de peso são difíceis de suportar. É de tal maneira ingrato que o manual faz uma chamada de atenção, bem explícita, para não se executar sozinho tanto a tarefa de desembalar como a de embalar; convém ter-se o auxílio de uma segunda pessoa. Atenção que este aspecto é bastante importante, não vale a pena arranjar uma lombalgia ou outra mazela qualquer à conta de qualquer uma destas operações.

Quem vir este aparelho, com o seu aspecto maneirinho, elegante e pra-

zenteiro não realiza de imediato o quão difícil é manuseá-lo, até lhe pôr as mãos em cima. Nessa altura, sim, consegue-se avaliar bem as suas características monolíticas. Uma construção férrea numa caixa bem projectada, que permite a instalação em *rack*, se for o caso, sem afectar o aspecto da ventilação, que é de extrema importância, em especial numa máquina deste calibre. A pensar em condições menos próprias de funcionamento, a Mark Levinson dotou este aparelho de um circuito de protecção que actua sempre que a temperatura exceder os 85° C. Para instalar este aparelho em *rack* retira-se a caixa metálica exterior e utiliza-se um conjunto de parafusos apropriado; o projecto inovador da caixa permite a ventilação correcta neste tipo de colocação. Se se mantiver a caixa exterior, que tapa as alhetas de convecção do calor, o aparelho apresenta um ar bastante compacto, transformando-se num verdadeiro lobo com pele de cordeiro; esta característica, curiosamente, estende-se às suas qualidades sonoras, como se verá.



O fabricante anuncia um período de 50 horas, sensivelmente, para rodagem inicial, embora sejam precisas cerca de 300 horas para alcançar o ponto máximo de funcionamento, quando todos os componentes já atingiram o ponto de optimização. Este aparelho dispõe de quatro modos de funcionamento: *Off*, *Sleep Mode*, *Standby* e *On*. Considera-se que o amplificador está desligado quando o cabo de corrente estiver desligado ou quando é desligado com o botão de *Power*, situação pouco recomendável, a não ser em caso de ausência prolongada. Salvaguardando, também, a ocorrência de trovoadas, em que se deve desligar qualquer equipamento eléctrico, de resto o amplificador deve ficar sempre no modo *Standby*, porque é aquele em que garante o melhor desempenho desde o momento em que se liga; no entanto, este estado acaba por sair algo oneroso, uma vez que equivale a um consumo mínimo permanente de 50 W, pois a fonte de alimentação principal e os andares de ganho de tensão estão sempre ligados, mantendo-se a temperatura normal de funcionamento. O modo *Sleep Mode*, embora requeira algum tempo de aquecimento inicial, representa, apenas, um consumo inferior a 15 W, dado que só estão permanentemente ligados uma pequena fonte de alimentação e os circuitos de comunicação e controlo.

Pessoalmente, embora tivesse configurado o amplificador para o modo *Standby*, durante o período em que realizei este teste, se fosse para continuar acho que mudaria para o modo *Sleep Mode*; mas isso é uma decisão que compete a cada um.

Com este projecto a Mark Levinson propôs-se desafiar o conceito enraizado em muito boa gente de ser impossível conciliar num amplificador de grande potência a subtilidade e a musicalidade dos aparelhos mais pequenos e refinados. Um verdadeiro engano, garanto-vos, e só me resta confirmar que o propósito foi plenamente alcançado. Para este objectivo o N.º 432 foi dotado com duas fontes de alimentação sobredimensionadas, que contam, cada uma, com um transformador toroidal de baixo ruído e quatro condensadores de grande capacidade e baixo ESR (*Equivalent Series Resistance*). Por outro lado, a distribuição de corrente no interior do aparelho é optimizada pelo uso de barras de cobre, livres de oxigénio, eliminando, também, as pequenas flutuações vulgarmente introduzidas pelo uso de fios. O facto de haver um *bypass* à fonte de alimentação para as altas frequências resulta numa impedância uniforme para todos os circuitos internos, que proporciona um enorme sentido de poder e musicalidade. Por fim, o N.º 432 é um projecto integralmente balanceado, desde a entrada, tornan-

do desnecessário o uso de um andar de *buffer*, até ao andar final de saída, em que o sinal percorre caminhos rigorosamente idênticos, em circuitos montados simetricamente, como se uma metade fosse a imagem reflectida da outra metade, para evitar o aparecimento de campos magnéticos e as nefastas distorções que daí poderiam derivar, especialmente num aparelho com uma potência de 400 W rms, por canal, sobre 8 Ohm; igualmente revelador da qualidade deste projecto é o facto de esta potência duplicar quando aplicada sobre uma carga de 4 Ohm. A relação sinal/ruído é superior a -65 dB, a impedância de entrada é de 100 kΩ (balanceada) e 50 kΩ (não balanceada), o ganho é de 26,8 dB.

Em termos físicos pode-se dizer que apresenta um aspecto muito elegante e bastante compacto para as suas características. O painel frontal é bastante simples, como, aliás, é típico de aparelhos desta natureza.

Decompondo-se em três zonas distintas, em que as laterais são simples zonas curvas de alumínio natural, apresenta no centro um *led*, um botão de *Power* e outro de *Standby*. O primeiro, para além de indicar o estado do aparelho tem, igualmente, a funcionalidade de indicar outros tipos de ocorrência, como sejam os cortes provocados por algum dos vários circuitos de protecção; em rela-

TESTE Mark Levinson N° 432

ção aos botões, dependendo da configuração do amplificador (*Power Save Mode, On/Off*), conseguida por meio de um *switch* existente no painel posterior, podem ligar/desligar ou colocar o aparelho em *Standby* ou *Sleep Mode*.

Na parte de trás do aparelho, para além das habituais XLR (entradas balanceadas), das RCA (entradas não balanceadas) e das quatro ligações para as colunas, que não aceitam fichas do tipo banana, para evitar ligações menos eficientes, existem algumas portas de comunicação que permitem a ligação em cascata para controlo remoto conjunto, quando associado a outros produtos da marca, e uma porta RS-232 que permite a ligação a um computador para *upgrade* do *software* da

devido ao facto de este amplificador não aceitar fichas de coluna do tipo banana. Como recurso, deitei mão aos velhos Ocos, em configuração paralela, que tanto e bom proveito já me ofereceram, embora não se tivessem revelado a melhor opção, mas por muito pouco, porque logo aos primeiros sons este N° 432 deu-me um valente puxão de orelhas, com amor e carinho, e envolveu-me num abraço sonoro forte e profundo. No fim da primeira audição, quando o desliguei, recordo-me, meio estupe-

facto, de me interrogar sobre que tipo de furacão teria varrido a minha sala de audição. Que tornado f a n - tás-

dar a chegada dos cabos Siltech LS-110 MkII, aqueles que tanto me agradaram, quando fiz o teste respectivo.

A música *A Song For All Seasons*, dos Renaissance (LP), revelou as qualidades excepcionais deste amplificador, que alia força e delicadeza de uma forma extremamente bem conseguida. A orquestra foi muito bem posicionada, num palco amplo e realista, com todas as linhas musicais bem perceptíveis e a voz simplesmente fascinante. Velocidade, dinâmica e musicalidade evoluem em catadupas de energia surpreendentes. As linhas vocais nunca me soaram tão evidentes, distintas e com uma focagem tão bem conseguida. Pode parecer um lugar-comum, mas a questão é que este aparelho puxou bem para cima todos os meus parâmetros de audição, pelo que não é nada despropositado dizer que não conhecia em toda a sua plenitude a minha discografia.

Continuando ainda com o vinilo, *Reading, Writing and Arithmetic*, The Sundays, um estilo bastante diferente do anterior, com linhas melódicas simples e pouca carga instrumental, teve o benefício de revelar uma voz feminina cheia de beleza enquanto evidenciava o à-vontade que este amplificador oferece independentemente da complexidade musical. A

forma airosa, viva e alegre, bem como a presença da voz, em especial, agradaram-me sobremaneira. A música *Caesar*, de James Newton Howard&Friends (LP, Sheffield Lab), uma gravação bem mais ambiciosa, com corte directo da matriz, sem passar pela mesa de mistura, permitiu ouvir um piano cheio de realismo, enquanto o imediatismo e a energia da bateria me subjugou completamente, fazendo cair as barreiras do espírito crítico e abandonei-me e deixei-me levar e envolver numa onda

memória *flash*. Este conjunto monolítico assenta em quatro pés de borracha de excelente qualidade, como seria desejável num aparelho com 57 kg de peso.

Crítica auditiva

Depois dos trabalhosos preparativos iniciais, que contemplaram o transporte e a colocação na mesa de apoio Target, vi-me confrontado com a impossibilidade de utilizar os meus habituais Black Rhodium S300x2,

tico passou por aqui e me deixou num alvoroço tão suave, em que ondas tão revoltas e profundas naveguei de forma tão intrépida e segura? Acho que, logo naquele momento, comecei a sentir saudades e o teste a sério ainda nem tinha começado, porque foi preciso aguar-





de realismo quase mágico. Os instrumentos gravitavam com enorme definição, fluidez e musicalidade fabulosa, quase arrepiante. O timbre tão natural que pareciam estar à minha frente. A entrada fulgurante de *L'Dady*, com o ataque da bateria, cru e decidido, revela bem as técnicas de gravação desta editora, assim como o poder e a segurança enormes deste aparelho, na medida em que foi capaz de a reproduzir de forma tão exemplar. Ainda desta etiqueta, mas num género musical bem diferente, *Ride of the Valkyries*, de Wagner (LP) – animado pela audição anterior eu estava cheiinho de curiosidade para ouvir esta obra – foi simplesmente arrebatadora. É o mínimo que posso dizer desta audição empolgante, de uma energia estrondosa, quase

esmagadora. O palco profundo, a focagem minuciosa e a fluidez envolvente deixaram-me surpreso e atónito com a facilidade, com o poder e a beleza musical. Esta obra, cheia de energia e rompantes apoteóticos foi reproduzida com tamanha segurança, facilidade e rigor que dá vontade de ouvi-la várias vezes seguidas para nos inteirarmos de toda a sua magnitude. A continuação, com *Tristan und Isolde: Prelude to Act I*, reforçou esta ideia. Embora com um andamento muito suave e melodioso, num palco sonoro bem conseguido, este amplificador deu provas de toda a beleza e musicalidade que tem para oferecer, com as subtilidades bem reproduzidas ou a força da orquestra em crescendo. Já tive oportunidade de ouvir excelentes reproduções desta obra,

mas com este grau de riqueza harmónica, segurança, poder e definição foi a primeira vez.

Continuando com a música clássica, *Concierto de Aranjuez*, de Joaquin Rodrigo (LP, DECCA), foi mais uma demonstração de beleza e poder. Além de uma bem conseguida transparência, que permite ouvir, sem o mínimo esforço e sem qualquer aspereza, as várias linhas musicais, apresenta uma enorme riqueza e correcção em termos de timbres. Os agudos são extensos e limpos, sem se tornarem ostensivos, a gama média é cheia e rica, enquanto os graves são um verdadeiro estrondo; pode não ser o termo mais feliz mas nem sei bem como definir tamanha segurança e vigor. A guitarra soou tão detalhada, mesmo nas partes mais

Wilson Benesch
CIRCLE

ajason@ajason.net
www.ajason.net

Praceta Ilse Rego, S.A., Camião do Teixo, 2720-330 Amadora, Portugal. Telefone - 21 474 87 09 - Telemóvel - 96 392 95 10 - Fax - 21 475 13 67

SKALA
LYRA - SKALA



suaves, quase em surdina, fosse sozinha ou quando acompanhada pela orquestra, que fiquei bastante impressionado pela capacidade informativa deste amplificador, fosse em que circunstâncias fosse.

De uma colectânea de música espanhola, *Poetas Andaluces*, dos Aguaviva (CD), foi uma surpresa pela entrada poderosa e pela passagem suave para a voz que declama o poema, que foi de uma presença incrível, enquanto as vozes do coro eram bem diferenciadas e colocadas num plano bem mais profundo. Em termos de imagem estéreo, nada a dizer, ou antes, irrepreensível, um espanto, com as vozes femininas à esquerda e as masculinas à direita, muito bem diferenciadas pela voz principal. A simplicidade desta música apenas salientou este aspecto, porque qualquer audição anterior foi mais exigente em termos de imagem e este amplificador é exímio nesse capítulo.

Por falar em vozes, passando para uma de cortar a respiração, Emma Shapplin, em *Ira de Dio, The Concert in Caesarea* (CD), foi impressionante pela definição, segurança e presença, como se estivesse a actuar à minha frente, enquanto o coro, bem mais numeroso que o da música anterior, foi muito bem reproduzido e até em termos de altura, como se todo aquele palco fabuloso fosse transportado para a minha frente com todo o seu realismo. *Fera Ventura* é um jogo de vozes fantástico entre a solista e o

coro, que foi reproduzido de uma forma majestosa, sustentado num grave poderoso e profundo. Em termos de grave, *Discovering Yourself*, ainda deste disco, revelou um grave soberano, extremamente articulado.

Uma voz bem diferente mas igualmente singular é a de Tina Turner. Em *In Your Wildest Dreams* soou quente, quase selvagem e cheia de presença num palco sonoro que extravasou os limites da sala, devido, sobretudo, aos agudos soltos, limpos e planantes, aliados a um grave profundo e bem sincopado. Deste disco ainda, *Goldeneye* foi simplesmente fantástico...

Outra mulher furacão, Amanda Marshall, em *Beautiful Goodbye* (CD), foi reproduzida com enorme presença numa atmosfera calma apoiada por um piano muito agradável. Esta música começa de um modo muito suave e depois tem uma mudança vigorosa, quase brutal, com a bateria poderosa e cheia de impacte, e é mais um caso evidente da enorme facilidade com que este amplificador responde a qualquer tipo de solicitação sem a menor vacilação, perfeitamente imperturbável. Para reforçar ainda mais esta ideia, *In the Cage, The Lamb Lyes Down on Broadway*, dos Genesis, voltou a provar o à-vontade fantástico deste aparelho, em qualquer tipo de música e de situação. Quanto maior a complexidade da música maior é o espanto pela qualidade e segurança da reprodução. Nunca tinha ouvido a voz de Phil Collins em segundo plano com tanta definição e presença. A velocidade de resposta, a articulação do grave, tudo com uma qualidade e uma noção de conjunto tão bem conseguida, com tanta intensidade e realismo que só é possível alcançar com máquinas de

... pela sua beleza, intensidade e musicalidade apetecia ouvir e repetir vezes sem conta. O grave é mesmo grave, torna-se quase uma experiência mais física que auditiva, ao ponto de mexer, literalmente, connosco.

grande calibre. *Carpet Crawlers*, pela sua beleza, intensidade e musicalidade apetecia ouvir e repetir vezes sem conta. O grave é mesmo grave, torna-se quase uma experiência mais física que auditiva, ao ponto de mexer, literalmente, connosco.

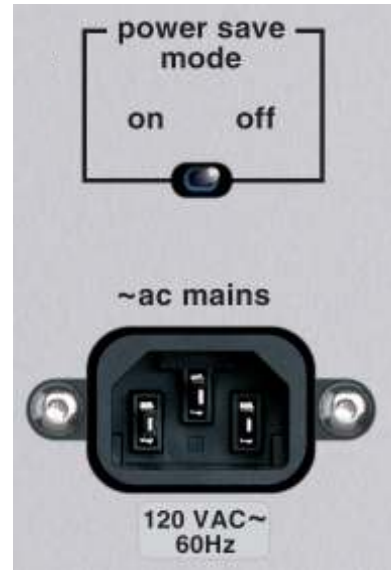
A excelente gravação de *My Heart is Pounding Like a Hammer, Norwegian Mood*, de Kari Bremnes (CD), trouxe uma atmosfera limpa, solta, arejada e de um fulgor inusitado. O som é de uma enorme vivacidade, e mesmo quando a carga instrumental é mais complexa tudo é bem perceptível e delineado. Não há sons camuflados, tudo é exposto com uma luz nada ofuscante, simplesmente esclarecida.

Este amplificador obrigou-me a redefinir os meus padrões musicais. Com um carácter vigoroso, seguro, extremamente franco e musicalmente agradável, é impossível ficar-lhe indiferente. Agarra-nos pelos colarinhos e impele-nos a uma entrega total. Tem um poder fantasmagórico, recriando sonoridades e ambiências com um realismo que ainda não tinha experimentado. Com um aspecto

muito simples e algo reservado, tem uma força brutal que não se traduz apenas em energia mas também em musicalidade cativante.

Já me repeti vezes sem conta e ainda tinha mais algumas notas que já nem as vou referir por não trazerem mais nada de novo, limitar-se-iam a reforçar o entusiasmo e o encanto que este amplificador me provocou. Claro que isto tem um preço e não é pequeno, mas nem vale a pena falar disso. Certo mesmo é que se o leitor for um dos felizardos com posses para adquirir uma máquina deste nível, então tem neste exemplar uma audição obrigatória, depois não sei se ainda conseguirá fazer contas, pelo menos com muito discernimento.

Só para terminar, o teste foi realizado com o seguinte equipamento auxiliar: pré-amplificador Mark Levinson Nº 28; gira-discos Avid com braço SME V Gold e célula Benz Glyder LP; leitor/processador digital Proceed PDT 3/PDP 3; colunas Thiel CS2 2; cabos de interconexão Madrigal HPC (processador/prévio), Madrigal CZGel (transporte/processador) e Black



Rhodium Symphony (prévio/potência); cabos de corrente Audio Agile (prévio) e van den Hul Mainstream (amplificador de potência); pés Ceraball e Soundcare; e mesa Target.

Preço: 13.000,00 €

Representante: Audioelite

Tel.: 21 795 15 01

DÊ MAIS ENERGIA AO SEU SISTEMA DE ÁUDIO OU VÍDEO!

O Clube de Acessórios tem disponíveis, para entrega imediata, fichas IEC e Schuko, bem como tomadas de parede, que melhoram oito vezes a resistência de contacto, graças a um revestimento de ouro sobre cobre electrolítico puro.

Caso seja utilizada a tomada em conjunto com a ficha Schuko a melhoria pode então atingir 60 vezes!

Ambos os conectores para cabo (Ficha IEC e ficha Schuko) aceitam cabos com diâmetro até 10 milímetros.



Agora disponível em três cores:

- Preto
- Vermelho
- Beige.



Preços:

- Ficha IEC fêmea para cabo 29,5€
- Ficha Schuko macho (cabo) 28,5€
- Tomada Schuko para parede (qualquer cor) 39€
- Tomada Schuko dupla (preta ou bege) . 78€
- Custos de expedição 4€

Fichas e tomadas de sector de qualidade alemã!

Faça os seus pedidos para:

Clube de Acessórios Audio
Rua D. João V, 6 - R/C Esq. • 1250-090 LISBOA
Telef.: 21 319 06 53